



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v13i0202>

A ARTE E A VIOLÊNCIA EM “SORRISOS QUEBRADOS”

Data de recebimento: 13/02/2020

Aceite: 26/05/2020

Jakeline Nascimento SOUSA (UEG)¹
Fernanda Surubi FERNANDES (UEG)²

Resumo: O presente trabalho visa discutir e analisar os discursos que constituem a violência e o gênero na obra “Sorrisos quebrados” de Sofia Silva (2017), que apresenta o drama de Paola, violentada por seu marido, Roberto, até quase a morte, situações que lhe acarretaram grandes problemas, tanto sentimentais quanto físicos. Tendo como embasamento teórico Perrot (2007), Orlandi (2007), Teles (2013), Pêcheux (2009) e outros, serão apresentados o empoderamento das mulheres ao longo dos tempos, os conceitos que permeiam a área da análise do discurso, o simbolismo existente na obra analisada, a relação entre os personagens e a arte e os conceitos de violência. Com isto, aborda-se a história de lutas, sofrimentos e conquistas das mulheres perante a sociedade, amplia-se a visão acerca da violência doméstica, mostrando que além da agressão física, há também a agressão verbal, responsável por causar terríveis danos psicológicos, e, acima de tudo isso, a minoração da figura feminina, principalmente no que diz respeito aos padrões de beleza, questionando também como a arte significa a violência em “Sorrisos Quebrados”.

Palavras-chave: Discurso. Violência doméstica. Arte. Beleza.

Abstract: This article aims to discuss and analyze the discourses that constitute violence and gender in “Sorrisos Quebrados” by Sofia Silva (2017), that present Paola’s drama, violated by her husband, Roberto, almost until her death, situations that brought her problems, not only sentimental but also physical. Based on Perrot (2007), Orlandi (2007), Teles (2013), Pêcheux (2009) and others, we will be presented women’s empowerment over the years, the concepts that permeate the area of discourse analysis, the symbolism that there is in the analyzed book, the relation among characters and art and the concepts of violence. Therefore, we are approached the history of fights, tribulations and achievements of women in front of society, we are increased the vision about domestic violence, showing that in addition to physical aggression, there is the oral aggression too, it is responsible to cause terrible psychological injuries, and, above all this, the diminishing of female figure, mainly about the beautiful patterns, asking how the art mean the violence in “Sorrisos Quebrados”.

Keywords: Discourse. Domestic violence. Art. Beauty.

HOJE RECEBI FLORES!

¹ Acadêmica do curso de Letras-Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás – UEG/Unidade Universitária de Iporá. Brasil. E-mail: sousajakeline16@gmail.com.

² Docente da Universidade Estadual de Goiás – UEG/Unidade Universitária de Iporá. Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres. Brasil. E-mail: fernanda.fernandes@ueg.br.



SETEMBRO

Hoje é um dia muito especial: é o dia do meu funeral.
Ontem finalmente ele conseguiu matar-me. Bateu-me até eu morrer.
Se ao menos tivesse tido a coragem e a força para o deixar...
Se tivesse pedido ajuda profissional...
Hoje não teria recebido flores! (Autor anônimo)³

1 Introdução

Quando se compreende a história das mulheres, observa-se que se trata de um caminho percorrido, cheio de lutas e de silêncio, ou seja, por muito tempo a história das mulheres foi silenciada, como se “[...] estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento” (PERROT, 2007, p. 16).

Houve uma época em que os cargos eram todos ocupados por homens, as mulheres não trabalhavam fora e não estudavam, ocupavam a posição de esposa dedicada e mãe impecável, não podendo fazer nada que não estivesse relacionado a cuidar de suas famílias. Segundo Perrot (2007, p.16-17), “[...] as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis”.

Durante a história, lutas aconteceram, movimentos que visam o empoderamento das mulheres na sociedade é uma realidade cada vez mais ascendente. Ver o quanto a mulher na história mudou sua posição para melhor mostra o quanto as lutas, os movimentos produziram e produzem efeitos, mas se sabe que ainda há muito a alcançar e o percurso continua sendo de difícil acesso, muito são os preconceitos que rodeiam a classe feminina e a luta em prol do alcance de todos os direitos continua acontecendo.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vistas. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais. (PERROT, 2007, p. 16).

³ Poema disponível em: http://www.dhnet.org.br/tecidosocial/anteriores/ts014/poema_mulh_assas.htm acesso em: 28/06/2019



Compreende-se que muito mudou, mas há muito a ser feito. Partindo dessas condições, este estudo busca compreender como a violência e as questões de gênero são constituídas na obra *Sorrisos Quebrados* de Sofia Silva (2017). E de que modo, mesmo na violência, no sofrimento, a mulher pode conseguir resistir e mudar sua vida para melhor. Pois mostrar como a violência está sendo materializada nos discursos, permite que se compreenda como produzir mudanças em uma estrutura social que ainda é patriarcal.

Para a realizar a análise, este estudo baseia-se nos estudos do discurso. O discurso não se refere apenas à fala, ele vai mais além, é mais complexo, traz consigo não apenas a mensagem emitida, como também toda uma significação fornecida pela formação sócio-histórica, constituída por códigos estabelecidos ao longo dos tempos.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome já diz, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007, p. 15).

Nessa relação, compreende-se o discurso como efeito de sentido, como aquilo que significa em determinadas condições materiais de existência (ORLANDI, 2007). É na relação com o outro, num processo social e histórico que o discurso é produzido, é significado. É nessa relação, que se situa a análise da obra *Sorrisos Quebrados*.

2 *Sorrisos Quebrados*: a arte e a violência nos processos de significação

Sabe-se que a linguagem é vasta e complexa e que, é necessária uma certa atenção no que diz respeito aos discursos que circulam em diferentes mídias, levando em consideração a sociedade contemporânea. É então que se pode perceber a importância da análise do discurso para relação de sentidos entre os discursos, seja de qual área for.

Nessa perspectiva, o discurso literário é tomado a partir da análise de discurso como objeto simbólico. E conforme a noção de condições de produção compreende-se como os sujeitos e a situação se constituem a partir da linguagem materializada na narrativa.

As condições de produção estão diretamente relacionadas com os sujeitos e a situação, além de ter a memória como aspecto indispensável.

O que são, pois as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da



produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental. Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2007, p. 30).

Consequentemente, os efeitos de sentido causados por um discurso dependem, em grande parte, das condições de produção em que ele está inserido, dando importância às histórias sociais e às ideologias. Por conseguinte, um mesmo discurso expresso em épocas diferentes vai, decerto, produzir sentidos distintos, visto que tanto as situações quanto os sujeitos se divergem por causa dos contextos sócio-histórico e ideológico. É nesse contexto que a obra de Silva se insere, numa contemporaneidade, em que, devido aos movimentos feministas e outros, produziram efeitos nas relações sociais e o papel da mulher mudou conseguindo seus direitos.

Sofia Silva é uma portuguesa, nascida em Vila Nova de Gaia, licenciada em Ensino Básico pela Universidade de Aveiro. Desde jovem começou a escrever romances sobre a violência doméstica, deficiência física e abuso sexual. *Sorrisos Quebrados* é uma das obras que compõe a série “*Quebrados*”, publicada em uma plataforma *online* chamada *Wattpad* em dezembro de 2014. Com sucesso de vendas em *e-book*, 2 anos depois a obra *Sorrisos Quebrados* foi publicada pela *Amazon*.

Nessa direção, apresenta-se um resumo da obra, para compreender a narrativa. A obra apresenta a história de Paola, narrada em primeira pessoa. O que produz um efeito de aproximação entre o leitor e o narrador. A história que a personagem narra passa de um conto de fadas a uma história de terror após ter casado com Roberto. Essa história se encerra com a quase morte de Paola nas mãos do marido.

A narrativa apresenta em seu início a violência sofrida por Paola, violência que a deixa com o rosto desfigurado. E depois a apresenta seis anos depois do ocorrido, tentando se recuperar. É nesse momento que conhece duas pessoas que vão ajudá-la a se recuperar totalmente desse sofrimento. A primeira personagem é Sol, uma criança que não se incomoda com o rosto cheio de marcas de Paola. E André, pai de Sol, que se apresenta um amor cheio de paciência, de compreensão e também de desejo.

O espaço da narrativa envolve primeiro o canil na casa de Paola e Roberto e depois a clínica de recuperação em que está Paola e onde conhece os personagens André e Sol. Esses dois espaços apresentam diferenças nas emoções da personagem, um é lugar de sofrimento e tortura e outro de segurança e de mudança.



A partir dessa narrativa e com a noção de recorte de Orlandi (1984), foram selecionadas sequências discursivas abordando a temática sobre a arte e a violência.

Para a autora, o recorte na teoria discursiva é compreendido como uma unidade discursiva, “[...] é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14). Nessa direção, ao fazer recortes no objeto de análise, considera-se o todo que constitui essas unidades. E leva-se em conta o objetivo deste estudo, pois o objetivo visa “[...] a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 63).

Assim, ao fazer recorte de trechos da obra, por exemplo, é considerado na relação com o todo, em suas condições de constituição analisando a materialização da violência na obra de Silva (2017). Desse modo, segue-se a análise a partir da estrutura: 1. Personagem Paola: aparência e seus efeitos; 2. Violência: processos de animalização e a arte.

2.1 Personagem Paola: aparência e seus efeitos

Paola é uma jovem que sonha encontrar seu verdadeiro amor, porém se vê um tanto desesperançosa quanto a isso devido a sua aparência física. Descrita como uma mulher de baixa estatura, magra, totalmente fora dos padrões que a sociedade requer para considerar uma mulher como sendo sinônimo de beleza, Roberto se aproxima dela, dando início a um romance que poderia ser considerado digno de um “viveram felizes para sempre”.

Entretanto, ao aceitar se casar com Roberto, Paola se vê em uma situação difícil de sua vida conjugal, com constantes brigas que, aparentemente não tinham um motivo específico. Tudo começou com ciúmes, a princípio, ciúmes de que ela imaginava serem comuns quando o marido é apaixonado pela esposa, pedidos que ele fazia com o intuito de mudá-la em seu comportamento, afastá-la de seus amigos e família e assim sucessivamente. As proibições, disfarçadas de pedidos, foram ficando cada vez mais frequentes e Roberto usava como justificativa o amor que sentia pela mulher.

Por isso, a análise desse estudo se centra em Paola. Para a Análise de Discurso, os processos de significação ocorrem na relação com o outro. Sendo ou não sendo pessoas reais, os efeitos produzidos podem colocar o leitor na relação com outro, através da linguagem. Pois, “[...] o espaço do texto não é fechado em si mesmo, tem relação com o contexto de situação e com outros textos” (ORLANDI, 1984, p.16). ou seja, mesma na ficção em que se tem a personagem, o modo como ela significa é marcada num processo histórico e social.



Um recorte que se selecionou foi a capa do livro. Produzida por Joycilene Santos e ilustrada por Korobkova/DepositPhotos. Há, na capa, a imagem de uma mulher que representa a personagem Paola.

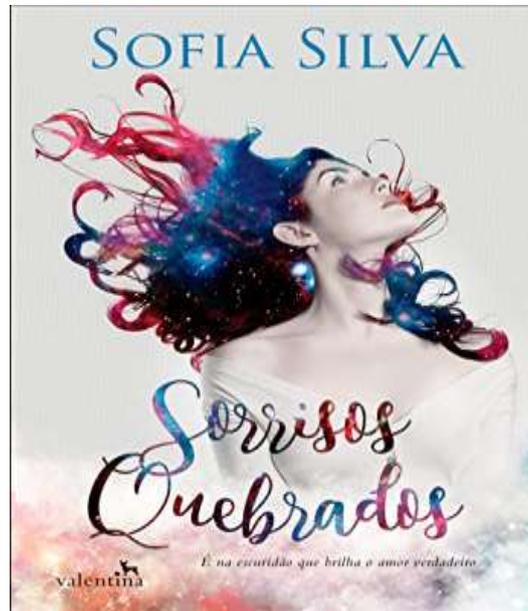


Figura 1: Capa do livro “Sorrisos Quebrados”.
Fonte: Google Imagens

Ao analisar a capa do livro observa-se que a imagem retratada apresenta características como as de Paola, sendo aparentemente baixa, franzina, dona de seios pequenos, deixando aparecer apenas o lado direito do rosto, com o olhar voltado para cima, escondendo o outro lado. A produção da capa é um gesto de interpretação dos autores. Estes realizam produções que remetem sempre a figura feminina.

Diante da narrativa da obra, compreende-se que se trata do seu lado “feio”, desfigurado devido aos atos violentos de Roberto, que por pouco não lhe tira a vida. Os cabelos ao vento, expressam liberdade e auto-confiança. Chevalier (2009) apresenta que, dentre os muitos sentidos do cabelo tido como símbolo, “a cabeleira é uma das principais armas da mulher, o fato de que esteja à mostra ou escondida, atada ou desatada é, com frequência, um sinal da disponibilidade, do desejo de entrega ou da reserva de uma mulher”. Com isso, apresenta-se na imagem da capa Paola após sua redescoberta da felicidade, disposta a se entregar à um novo amor e reconstruir sua história, a se reconstruir.

O olhar da personagem, voltado para cima, exprime expectativa, esperança, como quem anseia por um futuro melhor. Tem, no próprio cabelo, o universo, com constelações pintadas como em um quadro, onde as estrelas estão ligadas por uma linha imaginária.



Percebe-se a forte ligação que Paola tem com a arte, visto que os pincéis e as tintas estão com ela nos momentos bons e ruins.

É possível imaginar que a mulher representada na capa simboliza Paola no auge do seu processo de superação, que inicia na clínica, continua ao conhecer a menina Sol e se completa no seu envolvimento com André. Decidida a se entregar a novos relacionamentos, ela vai aos poucos vencendo seus traumas psicológicos até se tornar uma mulher capaz de acreditar em si mesma e nas pessoas novamente. Uma mulher que supera todos os obstáculos impostos na sua vida por um relacionamento destrutivo e passa a viver confiante desde essa superação.

A beleza de Paola, conforme relatada no decorrer de sua história, não era exuberante. Roberto chega a dizer que conseguia ver alguma beleza somente em seu sorriso delicado. Para Roberto, os padrões de beleza impostos pela sociedade eram o que realmente importavam e, com todas as críticas que direcionava para a esposa, fazia-a acreditar que ela não era bonita, não chamava a atenção exatamente pelo fato de não se encaixar dentro desses padrões. No trecho a seguir, tem-se frases nesse sentido que ele sempre usava para convencer Paola de sua “fealdade” e do quanto ela era uma mulher que estava fora da “normalidade”.

- Havia dezenas de mulheres, quase todas mais altas, mais lindas, mais inteligentes e mais experientes que você. Ao lado delas, você sobrava. O patinho feio. Era a baixa, a magra que não tinha peitos nem curvas. Com cabelo de cor banal e olhos também sem charme algum para cativar a atenção. (SILVA, 2017, p. 13)

Também sob a perspectiva de André, embora estivesse completamente apaixonado por Paola, ele não a classificava como uma mulher linda. Entretanto, esses padrões pouco importavam para ele, pois na opinião dele, a beleza ia muito além das formas, estilos ou *looks* da moda.

Não, Paola não é uma mulher linda. Em qualquer lugar do mundo, independentemente dos diferentes padrões de beleza, nunca será considerada como tal. Mas algo nela também não permite que seja feia. Não para mim. Toda a sua falta de beleza exterior é encoberta com tudo de lindo que traz dentro de si. (SILVA, 2017, p. 82)

A beleza que André enxergou naquela mulher encoberta pelos traumas do passado não se resumia ao exterior, ao corpo franzino, aos seios pequenos ou ao rosto marcado pela violência. André não era o tipo de pessoa alienada que acredita em padrões, que alguém precisa ser de uma determinada maneira para ser considerado como símbolo de beleza. E



assim, é pela aparência, pela agressão física e psicológica que Roberto procura inferiorizar Paola. Para isso, analisa-se a seguir como se dá esse processo e como Paola procura sair desse lugar e se ressignificar como outra mulher, que conseguiu superar esse momento em sua vida.

2.2 Violência: processos de animalização e os efeitos da arte

A história de Paola retrata muito bem a realidade de muitas mulheres do mundo todo. Mulheres que sofrem violência doméstica são oprimidas de todas as maneiras possíveis sem que se saiba suas realidades. Para abordar este assunto que ainda hoje é considerado como tabu para a maioria das pessoas, é necessário entender o que é a violência.

Violência, em seu significado mais frequente, quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano. (TELES, 2013, p. 15).

Bell Hooks (2019) apresenta a compreensão de que para acabar com a violência é necessário que o movimento feminista alcance não somente às mulheres, mas todo mundo.

A violência patriarcal em casa é baseada na crença que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva. Essa definição estendida de violência doméstica inclui a violência de homens contra as mulheres, a violência em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e a violência de adultos contra crianças. (HOOKS, 2019, p. 95-96).

Hooks (2019) compreende que os movimentos sociais devem lutar contra qualquer tipo de violência, por isso amplia a noção de violência doméstica para violência patriarcal.

Assim, selecionou-se alguns recortes da obra que evidenciam as violências sofridas pela personagem Paola para análise, focando nos aspectos da violência física e psicológica.

Logo que começaram as discussões, o primeiro ato de violência física aconteceu. Como a maioria das mulheres, Paola perdoou o marido depois de ele ter pedido perdão pelo que aconteceu, jurando que não submeteria a esposa àquela situação novamente.

A melhora dificilmente acontece, muito pelo contrário, o que antes eram discussões “comuns” entre marido e mulher pode acabar tomando proporções tão elevadas a ponto de uma vida ser ceifada. Paola, depois de muito sofrer, decide fugir de casa para se ver livre do



tormento que era seu casamento, pois Roberto não concordava com uma separação amigável.

É natural, ao se tratar de crimes praticados no ambiente íntimo, isto é, nos casos em que a vítima tem alguma relação com o agressor, que este tem em sua mente um pensamento de que a vítima, na maioria das vezes mulher, é sua posse e ele exerce sobre ela uma autoridade que não pode, de maneira alguma, ser desconsiderada, resultando, de acordo com Prado *et. Al.* (2017, p. 10), muitas vezes, em casos de “[...] assassinatos motivados por um sentimento de posse, que não aceitam o término do relacionamento”.

Observa-se a violência física e psicológica no modo como Roberto a “educa”.

- A culpa é sua por estar sangrando. E eu não bato em você, Paola, eu a educo quando faz algo inaceitável. (SILVA, 2017, p. 10)

É significativo abordar o tema violência psicológica, pois é um tipo de violência que poucos conseguem compreender na sua real dimensão. O recorte acima significa as duas formas de violência. E ainda culpa a vítima pelas ações de agressão por parte de Roberto.

Há uma preocupação maior com a violência física do que com a psicológica, pois aquela é mais perceptível, entretanto, as palavras quando usadas para maltratar, machucam muito mais do que tapas, murros, empurrões, etc. Silva (2017), apresenta esse funcionamento, por meio da personagem Paola, quando diz que “as palavras de Roberto são como cacos de vidro cortando-a por dentro (SILVA, 2017, p. 13)” o quão dolorida é essa situação de agressão verbal, além de originar, na maioria das vezes, um ciclo de violências. Portanto, a violência física e até mesmo o feminicídio, tem suas origens na violência psicológica. Os traumas deixados por críticas, sendo elas relacionadas à aparência ou comportamentos, marcam a alma de uma pessoa, deixando cicatrizes e medos que muitas vezes não podem ser esquecidos por aquela que sofreu. Paola relata um pouco do que viveu em sua curta, porém dolorosa, vida conjugal.

Roberto, para se livrar do peso da culpa pelas atrocidades que cometia, fazia com que Paola acreditasse ser ela a culpada por toda aquela situação que ela vivenciava. Na realidade, há sempre justificativas desse perfil que os autores das violências usam para tentar criar uma posição em que tenham razão para agredir, minorizar, ridicularizar, desmerecer uma mulher.

Paola vive assombrada com os traumas das agressões verbais, mesmo seis anos depois de tudo o que aconteceu.



“[...] entro em pânico só de me imaginar conversando com um homem.”
(SILVA, 2017, p. 28)

É então que se pode observar o quão profundas são as feridas no psicológico, o quanto uma pessoa pode sofrer eternamente por uma frase que, ao ser falada no calor de uma discussão, torna-se pior que uma ferida física. Um trauma é, como Silva (2017) traz no seu livro, “uma agressão ou experiência psicológica muito violenta”, dando ênfase para essa questão psicológica e levando a pensar que o que mais afetou a vida de Paola não fora em si as cicatrizes que passaram a marcar seu delicado rosto, mas sim aquelas que agora marcam o seu interior, fazendo-a lembrar as palavras maldosas daquele que ela tanto amava.

- E você erra como ninguém. É burra e repete sempre os mesmos erros.
(SILVA, 2017, p.10).

Sempre que “me educa”, ele toca meu corpo de forma imunda para depois me humilhar mais. (Idem).

- Você não passa é de uma puta nojenta! Lixo! Imunda! (SILVA, 2017, p.11).

- Você vai aprender, já que age como uma cadela, a viver com eles. Vou escolher um animal que vai tratar você como você merece. (SILVA, 2017, p. 12).

Desde a antiguidade, as mulheres são vistas como o sexo frágil. Desempenhar determinadas funções, tais como administrar uma empresa, advogar, lecionar, etc., não cabiam as mulheres até pouco tempo. O sexo feminino servia apenas para procriação e atividades diárias de uma dona de casa, isto é, a mulher era submissa ao homem, devendo sempre atender aos seus pedidos de imediato e cuidando para que nada lhes faltasse. Apesar de a mulher ainda em pleno século XXI precisarem lutar pelos seus direitos, muitas foram as mudanças com relação aos direitos delas. Muito tem sido feito em busca da igualdade entre os sexos e muito foi conquistado, mas são muitas ainda as queixas por parte do grupo feminino com relação a minoração da mulher.

Uma forma de inferiorizá-la, é tratá-la como um animal. A cena que se apresenta ocorre após Roberto flagrar Paola tentando fugir, Roberto a agrediu impiedosamente e a arrastou pelos cabelos até o canil, onde havia o mais cruel dos cães *pitbull* amarrado e também algumas latas de tinta que Paola usava quando costumava pintar, o que não acontecia com tanta frequência depois que se casara, já que o *hobby* não agradava Roberto. Após muito insultá-la, Roberto a acorrentou e soltou o cão para atacá-la.



Ele sai do canil, e não tenho tempo para entrar em pânico ou pensar no que está acontecendo. Puxo com força a coleira, mas ela é de ferro e couro. Tento, tento, tento... tento mais uma vez, até saber que não vou sair daqui viva. Mas o instinto não me deixa desistir e continuo puxando, até meus dedos sangrarem. Não vou morrer sem tentar. Ele volta, sinto a presença dele, mas continuo tentando, até que levanto a cabeça e à minha frente está seu pitbull favorito. O mais agressivo. Aquele que Roberto passava horas treinando.

– Por favor. – Peço entre lágrimas e choro, sem nunca parar de tentar sair daquele cárcere infernal. Desespero e medo. Dor e falta de esperança desabam sobre mim. – Roberto, não solte o cachorro. Por favor, não faça isso. Por favor. Continuo chorando e implorando. Meu corpo treme cada vez que o pitbull late. Ele me olha uma última vez, sorrindo, e diz a frase mais assustadora: – Até que a morte nos separe, Paola. E solta o cachorro. (SILVA, 2017, p. 14).

Roberto, ao acorrentar Paola no canil, tratando-a literalmente como uma cadela, tem como objetivo inferiorizá-la a ponto de feri-la não só fisicamente, como também sentimental e psicologicamente. Insultá-la com palavras do tipo “puta”, “nojenta” e “lixo” não foi suficiente para ele, pois sua intenção era rebaixá-la o máximo possível, fazer com que ela acreditasse em tudo o que ele dizia constantemente, criando a partir disso uma imagem negativa dela e, em contrapartida, uma imagem positiva dele, tornando-o o certo, o mocinho da história.

Observa-se como a formulação “Até que a morte nos separe” que faz parte do ritual de casamento religioso produz outros sentidos, por um lado, enfatiza a união e a permanência do casal. Por outro, a mesma formulação na voz de Roberto, no momento em que vai agredi-la, significa a violência extrema que ocorre com Paola, pois são condições de produção diferentes (ORLANDI, 2007) que constituem os sentidos.

Na cerimônia de casamento, apresenta-se uma situação histórica e social que constituem os sentidos de união. Já na relação entre Roberto e Paola, é a violência que predomina, e a união/o casamento serve apenas como amarras para prender Paola ao seu agressor, o processo histórico e social produz como efeito na narrativa a condição da mulher como uma propriedade do marido, com o qual pode fazer o que quiser, pois se trata de um bem.

Isso é constituído na língua pelas formações discursivas que se atravessam na formulação “Até que a morte nos separe”. Para Pêcheux (2009), as formações discursivas são tudo o que pode e deve ser dito em determinadas situações sociais. Assim as formações discursivas: religiosa (esposa) e econômica (propriedade) se atravessam e constituem a submissão feminina e a violência.

Esse fato ocorre no início da narrativa, apresentando a situação extrema das violências contra Paola que vinha ocorrendo há muito tempo. Apresenta as condições que



levaram Paola a viver numa clínica e o seu medo das pessoas, principalmente dos homens. É esse acontecimento que a personagem tenta superar e seguir com sua vida durante a narrativa da obra.

Nessa direção, ao representar esse momento, Paola se volta para a arte. Desde criança, Paola era apaixonada pela arte, em especial pela pintura. Pintar era uma ação que fazia parte de sua vida e estava presente em muitos momentos dela. Não foi diferente no dia em que seu cônjuge tentou matá-la.

Seis anos depois, na clínica de recuperação, estava Paola pintando o cão que a atacara anos atrás e os olhos verdes de Roberto em uma tela, exatamente no dia considerado por ela como o “aniversário de sua morte”, nesse momento, num ato desesperado, Paola rasgou a tela e jogou tinta sobre o próprio corpo. Essa ação da personagem, atuando como pintora, buscando na pintura um alívio para suas angústias, pode ser visualizada a partir do trecho abaixo.

Pinto o branco dos dentes que morderam minha cabeça, furando a pele. Rabisco de cinza a coleira que me prendeu, impossibilitando-me de fugir, estrangulando meu pescoço quando o cachorro puxava meu corpo ferido. Salpico de vermelho a pele lacerada e os músculos mordidos, rasgados, mastigados por um cachorro esfomeado. Pego o verde, levanto a mão, mas paro. Não consigo. De todas as lembranças, é o verde dos olhos dele que não esqueço. O verde que eu via entre o branco, o cinza e o vermelho. O verde que olhava. O verde que incitava o cachorro a morder mais. Não desistir. O verde a quem eu gritava súplicas de ajuda e não fez nada. O verde que me matou. Irritada, empurro todo o material. Grito. Rasgo violentamente a tela com uma tesoura. Grito. Espeto-a mil vezes na tinta verde como se fosse ele. Grito. Espalho as cores com as mãos, na tentativa de escondê-las. Tentando apagar memórias que hoje estão mais despertas. Grito. Cubro meu corpo de rosa, de amarelo e de todas as cores que não são o passado. Pinto e grito. Choro e rio ao mesmo tempo. Caio de joelhos continuando a rir e a chorar diante das cores que me deram vida. (SILVA, 2017, p. 15).

Com base neste ato, é que se pode dizer o quanto a arte significa a personagem, o quanto a ajudava, psicologicamente falando. Pintar era, para Paola, como uma válvula de escape, um método que ela encontrou para liberar todo o medo, a dor, o ódio, as lembranças terríveis que estavam dentro dela, aliviando assim um pouco do peso, do fardo por ela carregado durante tanto tempo.

Para este estudo, pode-se compreender que a arte é significada na relação com as ações e sentimentos de Paola. Pensando assim, pode-se correlacionar as pinturas de Paola com seus sentimentos, tendo em vista que tudo o que é retratado na narrativa referente às obras da artista faz menção ao que ela vivenciou anteriormente, como a tela que ela pintou no



dia em que tinha como “aniversário da sua morte”. Este fato é colocado em evidência quando se baseia no que Henge (2008) diz referente a obra e seu autor.

A relação do pintor com a sua obra é extremamente indissociável. Assim como é a relação do sujeito com o seu discurso. Perceber a obra como um discurso é buscar, então, os efeitos de sentidos ali instaurados. Como uma imagem associada à outra imagem remete a algo ausente? Efeito metafórico. Deslizamento de sentidos. Espaço da historicidade no traço. Entre o pintor e a sua obra há um espaço de interpretação pela língua, o que é evidente pela injunção ao dizer instaurada na escolha dos títulos para sua obra. O sujeito permanece buscando a completude, o preenchimento do real e para tanto vai buscar material no simbólico, que é a língua. (HENGE, 2008, p. 9).

Este modo olhar pode ser compreendido a partir da literatura, que apresenta na escrita a descrição desta cena em que a personagem Paola pinta a violência sofrida. E a personagem Paola e sua relação com a pintura.

Assim como Henge (2008) afirma, não se pode separar Paola de sua obra, pois esta é o seu discurso, é por meio da sua arte que ela expressa uma mensagem, e, a partir de então, os indivíduos passam a analisar os efeitos de sentidos que esta mensagem pode provocar. A relação de Paola com a obra é, de acordo com Henge (2008, p. 9), “imaginária de uma forma não-verbal, muito mais próxima da inconsciência, da percepção subjetiva que desperta desejo, repulsa ou denegação”, se significando como um momento de extrapolar com suas angústias, seus traumas, no sentindo de repulsa com relação ao marido e a tudo que ele a fez passar.

A personagem Paola descreve uma de suas obras, e, por meio dessa descrição, pode-se perceber a exposição da cor branca, cinza, vermelha e verde, cores estas, carregadas de simbolismos. Fundamentado por Chevalier (2009), tem-se a cor branca que dentre muitos de seus simbolismos, “é a cor dos mortos, serve para afastar os mortos”; a cinza, sendo uma cor fosca, “tem efeito mais interiorizado”; o vermelho é “a cor do sangue, a cor da vida” e, por fim, tem-se o verde, cor que representa “a paz, a esperança”.

As cores foram de grande importância para Paola, não só pelo fato de ela sempre gostar de pintar. A própria personagem reconhece que as cores a salvou, lhe deu a vida. Isso é visualizado no trecho apresentado anteriormente.

É na mistura entre as cores que Paola se ressignifica. Enquanto observa as cores que descrevem a violência que passou, as cores (branco, cinza, vermelho e verde) representam o passado que a constitui. Na tentativa de apagar o passado, mistura as cores, no desespero, saem da tela e vão para seu corpo, “cores que não são o passado”, que não representam a antiga Paola. Com a mão, tenta apagar essa memória e jogando as tintas/cores sobre si



mesma, há essa transposição da tela para o corpo: “Espalho as cores com as mãos, na tentativa de escondê-las. Tentando apagar memórias que hoje estão mais despertas” (SILVA, 2017, p. 21). Pois apenas misturar na tela não basta, é preciso transpor e ir além, no corpo, corpo este que a constitui, pois “[...] corpo é tanto uma linguagem, como uma forma de subjetivação” (FERREIRA, 2013, p.77), corpo que foi torturado e sobreviveu. Corpo colorido que permite a relação de outros sentidos e proporciona oportunidade para que outras memórias sejam produzidas: “Cubro meu corpo de rosa, de amarelo e de todas as cores que não são o passado. Pinto e grito. Choro e rio ao mesmo tempo. Caio de joelhos continuando a rir e a chorar diante das cores que me deram vida”. (SILVA, 2017, p. 21).

3 Considerações finais

Este estudo buscou compreender como a violência é significada na obra *Sorrisos Quebrados*. Ao realizar os procedimentos de análise, o que mais se colocou em evidência foi a relação entre a violência e a arte, entre a arte e a mudança.

Desde a análise da capa, em que as cores, a constelação, os cabelos se misturam como numa pintura, ao último recorte, percebe-se o quanto a personagem é constituída pela arte e esta dá-lhe um meio de se deslocar, de se refazer, de se ressignificar.

A personagem passou por uma grande violência como mostrado nas análises, sendo inferiorizada, violentada e quase morta pela violência cometida pelo marido. Mas é na arte que ela passa a se ressignificar, a apagar as cores da violência e se constituir de novas cores. Esse processo é lento e dolorido, pois ao transpor para o quadro a violência, há a revolta, a raiva, o medo, mas há também mudança, força para se reerguer diante da violência sofrida. São sentidos novos, produzidos a partir da violência, mas ressignificados como força, para seguir em frente.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean, 1906-**Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 23ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v.2 n.1, 2013. p. 77-82. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697/2242>. Acesso em 27 de out. 2019.



HENGE, Gláucia da Silva. O discurso e arte: uma relação de sentido(s). **Travessias**. V. 2. N. 1, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2945/2299> Acesso em 27 de out. 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. -4ª ed. –Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed.– Pontes, Campinas, SP, 2007.

ORLANDI, Eni. P. Segmentar ou recortar? In: **Linguística: questões controversias**. (Série Estudos, 10). Minhas Gerais, 1984. P. 9-26.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Pontes, Campinas, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Anela M. S. Côrrea. 2. ed. 6 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa. **Femicídio: #InvisibilidadeMata**. Ilustração Ligia Wang; [editor] Fundação Rosa Luxemburg. São Paulo: Instituto Partícia Galvão, 2017.

SILVA, Sofia. **Sorrisos quebrados**. 1. ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. MELO, Mônica de. **O que é a violência contra a mulher**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.